

Cristãos sem igreja: um olhar a partir da contemporaneidade¹

Christians without church: a contemporary view

Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel²
macielrfla@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo perceber o grupo dos desigrejados, isto é, cristãos que se afastam das igrejas institucionais, como sintoma da pós-modernidade. Tal pesquisa se justifica devido aos resultados do IBGE de 2000 e 2010 que apresentam um crescimento do dado de “outras religiosidades cristãs”. Para percorrer essa trajetória, serão apresentadas primeiramente algumas características da secularização na modernidade e, principalmente, como elas enfraquecem as igrejas, como o fator do aumento de sua irrelevância nas influências. Após esse passo, será analisada a contemporaneidade, a qual possui paradoxos a serem observados que são comuns a esse grupo, como a questão da autenticidade e da identidade. Para isso, foram utilizados alguns autores como Charles Taylor, Sawaia, Lipovetsky e Giddens, além dos dados do censo do IBGE e de depoimento de pessoas que frequentam tais comunidades.

Palavras Chave: contemporaneidade; secularização; igreja; desigrejados

Abstract

This paper aims to perceive the group of Christians without a church, namely, Christians who depart from institutional churches, as a symptom of postmodernity. Such research is justified by the IBGE results between 2000 and 2010 which showed an increase of "other Christian religiosity" statistics. To go through this path, we will first present some aspects of secularization in modernity, and, especially, how they weaken the churches as the increase factor of its irrelevance in the influences. After this step, we will analyze the contemporaneity, which has paradoxes worth watching that are common to this group, such as the authenticity and identity questions. For this purpose, we have used some authors like Charles Taylor, Sawaia, Lipovetsky and Giddens, besides IBGE census data and the testimony of people who attend such communities.

Key Words: secularization; contemporaneity; church; churchless people

Introdução

A religião evangélica no Brasil está longe de ser uma massa homogênea e intacta frente às mudanças políticas e estruturais dos últimos dois séculos. Apesar de sofrer alterações numa velocidade diferente que outras instâncias da sociedade, nota-se que, em um dado momento, a religião tem que ponderar sobre a realidade que a circunda, em forma de diálogo ou de repulsa.

¹Texto referente a uma Comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião - Polissemia do Sagrado: interfaces entre diferentes formas de conhecer e interpretar fenômenos religiosos, realizada na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, de 6 a 9 de outubro de 2014.

²Graduada em Teologia (2014) pelo Instituto Metodista Bennett. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pós-graduada em Ciências da Religião pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

Nisso se encontra o movimento dos cristãos sem igreja. Este, que ainda é muito embrionário no Brasil, tem crescido e sido observado pelo IBGE de 2000 e apresenta-se como opção para aqueles que, querendo ser evangélicos, preferem uma expressão de comunidade desvinculada da instituição eclesiástica e seus dogmas. Todavia, não se trata apenas de uma opção frente à igreja institucional em si, mas também frente a uma mentalidade de religião que se desconecta da sociedade.

Contudo, essa relação com a sociedade não é somente de aproximação e de absorção, mas também de questioná-la e até demonizar, a fim de que se mantenha a identidade evangélica. A relação paradoxal entre ter um espaço mais fluido e livre, porém com um aspecto rígido na identidade está sempre presente nos cristãos sem igreja, como analisado nesse trabalho.

Desse modo, essa investigação possui de um lado os trechos dos relatos de cristãos sem igreja, além de seu material, a partir dos livros de Frank Viola (2005) e Bomilcar (2012), mas possui seu outro lado da questão, que é o da sociedade que recebe tal crítica à igreja. O tema complexo e diversificado da modernidade, da pós-modernidade e do processo de secularização não é elaborado em toda sua profundidade, todavia é norteador de um pensamento crítico e acessório para que se entenda esse movimento. Afinal, não é possível entender uma religião desvinculada de poder institucional sem se pensar a secularização, além da re colocação do ser humano e sua experiência como centro da religião sem considerar a modernidade e a pós-modernidade.

Os Cristãos Sem Igreja

Algumas expressões são dadas a esse grupo, como cristãos sem igreja, desigrejados ou sem vínculos institucionais. Além de plurais os nomes acerca desse grupo, também são muitas suas manifestações e discursos a respeito de suas práticas e espiritualidade. Aqui entendendo, também, principalmente instituição como uma regulamentação da igreja, com prédio, hierarquia e instituídos, como dízimo e liturgia.

Os dados do IBGE do ano de 2000 apresentavam especificamente, dentro de religião evangélica, o dado de “cristãos sem vínculos institucionais”. Estes foram mapeados como mais de um milhão de adeptos, em sua maioria urbano, com grande equivalência de gênero e mais preponderante entre trinta a trinta e nove anos

provavelmente com filhos, devido a grande presença de crianças e adolescentes (IBGE, 2000).³ Nesse ano, além desse dado, se especificava que cerca de 30% advinha de igrejas pentecostais, todavia não especificava a outra parcela da porcentagem. De modo diferente, o IBGE de 2010, que tem sido amplamente estudado nas Ciências da Religião, regride quanto a especificidade dentro do cristianismo e amplia em direção a visibilizar outras religiões não cristãs. Neste, o grupo de “cristãos sem vínculo institucional” está dentro da categoria de “outras religiosidades cristãs” a qual engloba grupos muito distintos dentre si. Mesmo assim, esta teve um crescimento ainda maior do que o IBGE anterior e já consegue perceber uma mudança na configuração evangélica, como Almeida aponta:

O universo ‘evangélicos não determinados’, sem vínculo institucional, com múltipla pertença ou não determinados: de um pouco mais de 700 mil foram para mais de 8 milhões. Isto é, de 3,8% dos evangélicos passaram para 23,9% destes, ou quase, 1 em cada 4 evangélicos não se identifica com nenhuma instituição especificamente.” (Teixeira; Menezes, 2013, p.324)

Assim, os cristãos sem vínculos institucionais podem ser entendidos como uma das novas movimentações da religião evangélica de se diferenciar da estrutura comumente associada a esta de fiel-pastor-igreja. Giddens (2005) também contribui afirmando que novos movimentos religiosos seguem no cristianismo, como os milenaristas, fundamentalistas e o uso de igrejas eletrônicas. Além disso, aponta que esses novos movimentos são comuns dentro da classe média e agem principalmente de três modos: a negar o mundo, a afirmar o mundo ou a se acomodar ao mundo. Aqui, colocando “mundo” como sinônimo de sociedade. Mais especificamente crescem estes quem negam a necessidade de uma estrutura denominacional a princípio, podendo exercer sua espiritualidade de modos diversos. Bomilcar (2012) amplia em sua obra quem são esses cristãos sem igreja, apontando desde aqueles que estão dentro da instituição, porém não vivem uma experiência comunitária, até os que se especificam como cristãos sem igreja, os que se reúnem em lares, escritórios, salões parques ou escolas, ou

³ IBGE. Estatísticas do CENSO 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm>. Acesso em: 02 abr 2014.

acompanham reflexões via internet. Para o autor, porém, trata-se principalmente de pessoas que estão nesse movimento por modismo, descompromisso, passivos quanto a espiritualidade, cheias de reclames, amarguradas e ingênuas. Este os coloca como cristãos usuários, até mesmo hipócritas quanto ao termo cristão (Bomilcar, 2012, p.89).

Isso se dá devido à polarização quanto à literatura acerca deste movimento. De um lado, encontra-se vasta literatura vinda, principalmente, de pastores e líderes institucionais desqualificando essa experiência de ser evangélico, dizendo-a como ilegítima porque rompe com a hierarquia apontada nas epístolas paulinas, dentre outras tradições. Nesse posicionamento encontramos Nelson Bomilcar (2012) com os argumentos que já foram apontados. O outro lado, que também tem se ampliado em sua literatura, vem dos próprios cristãos sem igreja, principalmente estadunidenses, apontando argumentos e experiências de como se vive igreja sem a estrutura institucional. Aqui se pode citar nomes como de Neil Cole (2007), que introduziu o conceito de igreja orgânica para definir toda forma de se viver a comunidade cristã – isto é, a igreja – no lugar onde a vida acontece, como no seu trabalho, sua casa, ou seja, onde estiver no dia-a-dia. Apesar desse conceito não romper diretamente com os instituídos necessariamente, como tem ocorrido no caso de células de igrejas em casa que auxiliam no crescimento eclesial, abre-se um novo leque de tirar o foco do culto. Redirecionando o foco, perde-se a força da necessidade constante do poder pastoral e de suas dogmáticas. Tem-se um novo espaço para o surgimento da igreja orgânica em lares como possibilidade de cristianismo sem vínculo institucional. Isso surge com Frank Viola e George Barna, com seu primeiro livro *Cristianismo Pagão* que foi publicado nos Estados Unidos em 2005 e amplamente divulgado virtualmente devido a visão dos autores de expansão dessa forma de igreja. Posteriormente estes escreveram outros livros, juntos e separadamente, acerca do tema, como o *Vivenciando a Igreja Orgânica*⁴, publicada em 2009, onde Frank Viola mostra essa ponte entre o conceito de igreja orgânica e o de um cristianismo sem vínculo institucional.

Pontos do livro fundamental sobre esse movimento – *O Cristianismo Pagão* – auxiliam no entendimento das bases ideológicas do grupo, que em muito são desconhecidas. Este tem como pressuposto que Jesus, quando quis transformar a religião judaica e construir o cristianismo, também era uma um revolucionário não

⁴ Esse e todos os livros de Frank Viola sobre Cristianismo fora da instituição estão disponíveis no site oficial: VIOLA, Frank. Frank Viola Official Blog. Disponível em: <<http://frankviola.org/>>. Acesso em: 02 abr 2014.

institucional e toda forma de institucionalização que houve se deu devido a influências pagãs dentro do cristianismo primitivo. Para o autor, influências pagãs que destroem a essência do que Jesus propôs. Assim, toda forma de instituição, incluindo igrejas históricas, pentecostais e até mesmo aquelas que usam ideias de igreja orgânica, mas ainda tem estrutura, se adequam a uma superficialidade litúrgica para viver a fé cristã (Viola, 2005, p.13). Há uma reação de oposição a qual Deus não poderia atuar dentro da instituição (Bomilcar, 2012, p.93) e não haveria diálogo ecumênico ou inter-religioso. Outro motivo pelo qual surgiria a instituição igreja se daria, para o autor, devido uma leitura equivocada, fragmentada da Bíblia (VIOLA, 2005, p.132). A partir disso, o livro aponta o caráter judaizante da existência de um templo dentro do cristianismo, além da frivolidade da existência de uma roupa dominical, de equipes de adoração e estruturas comuns no culto. Dentro dessas vaidades há a função pastoral que Frank Viola aponta como sendo uma carga desnecessariamente pesada, comumente ligada ao sofrimento e desgaste do líder. Porém, existe outro fio condutor que é essencial dentro da obra, que é a percepção de liberdade. A liturgia é desnecessária porque, para o autor, a relação com Deus deixa de ser natural e íntima (Viola, 2005, p. 65). Tanto a liturgia deve ser natural que a comunidade não tem um modelo de se construir. Esta se nasce espontaneamente quando se nega a eclesiologia tradicional e seria sinal de uma mudança radical de mentalidade, comparado ao surgimento das igrejas primitivas (Viola, 2005, p.140).

No Brasil, não há vasta literatura produzida acerca do assunto. Em pesquisa anterior, apresentou-se Luciano Silva, que inspirado em Frank Viola, fez o livro *Igreja de Casa em Casa*⁵ em 2009, contando um pouco dos fundamentos da igreja sem vínculo institucional, além de possuir um caráter pastoral para aqueles que desejam seguir tal caminho. Este começou o grupo Missão 20:20, no sul do país, a qual possui em seu site oficial⁶ dezenove depoimentos com motivos pelos quais pessoas dessa comunidade se afastaram das igrejas anteriores. Todavia, o movimento sem igreja mais conhecido no Brasil é o Caminho da Graça⁷, tendo como líder principal Caio Fábio D'Araújo Filho.

⁵ Este não é utilizado nesse trabalho, apesar do autor fazer parte dos depoimentos citados. Tal livro se encontra disponível virtualmente, no nome de: SILVA, Luciano. *A Igreja de Casa em Casa*. Balneário Piçarras: Casa Editora e Publicadora, 2009.

⁶ SILVA, Luciano. *Missões 20:20*. Disponível em: <<http://missoes2020.org/>>. Acesso em: 02 abr. 2014

⁷ Mais informações em: D'ARAUJO FILHO, Caio Fábio. *Blog do Caminho da Graça*. Disponível em: <<http://blogcaminho.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 out 2014.

Esta forma de se conceber a igreja evangélica tem crescido e a hipótese fundante desse artigo vem de que essa ascensão se dá pela relação com a cultura moderna e pós-moderna nesse grupo nos fundamentos principais, como Almeida também aponta:

As estatísticas relativas ao caso brasileiro parecem indicar, ainda que timidamente, uma movimentação religiosa em correspondência a este contexto cultural da modernidade e da pós-modernidade: uma movimentação que aponta para uma tendência da religião se tornar um amplo leque de recursos culturais, disponíveis para a experimentação de indivíduos autônomos que operam independentemente de sua institucionalização ou preceitos universais. (Menezes; Teixeira, 2013, p.297)

Apesar do país se expandir para diferentes religiões, a grande maioria da população se mantém dentro da matriz cristã (Pierucci, 2006apud Menezes; Teixeira, 2013) e o que se transforma é o como estas se colocam dentro da nova demanda de sociedade. No caso dos cristãos sem igreja, seus fundamentos apontam para uma forma de responder a essas necessidades contemporâneas. Quando analisado o material contido no *Cristianismo Pagão*, principalmente, pode-se perceber duas movimentações quanto ao posicionamento do autor. Uma primeira de recusa do que a sociedade coloca como cristianismo, sua forma de culto e até de comunhão com aqueles que a tem; a segunda de uma expressão de liberdade, de uma fé livre de instituídos, levada pela condução espiritual. A questão que fica, todavia, é se estas respostas são de absorção das características pós-modernas ou de enfrentamento a elas.

Uma Experiência Secularizada

Antes de criar aproximação com o conceito de pós-modernidade e modernidade, cabe ponderar sobre o processo que mudou a posição na qual a igreja estava por muitos séculos: a secularização (Taylor, 2010). Este teve início no século XVII, junto com o advento do humanismo, porém, se caracterizava por um fato das elites e só foi se ampliando com a alfabetização em massa posteriormente. Apesar de não ter sido unicamente urbana, o foi em sua grande expansão. Esta se fortaleceu com o advento da ciência como forma de explicação do mundo. Em muito, a religião se tornou falsa, devido as novas contribuições empíricas. O questionamento das autoridades, fruto da

modernidade e da importância da autonomia individual, também fortaleceu esse processo o qual relacionava religião com essas hierarquias. Assim, dentro do espaço público, a religião foi-se tornando irrelevante. Mesmo assim, entender e interpretar essa mudança do lugar do cristianismo não é tão evidente para apontar um fim da religiosidade, como se pregava (Taylor, 2010, p.500).

Porém, quando se trata de modernidade, não vem somente o processo de secularização. Outros processos que deslocam o espaço da religião também se fazem nesse momento. Nicolaci-da-Costa (2004) os expressa muito bem para formular um quadro de como é a modernidade:

Ordem, progresso, verdade, razão, objetividade, emancipação universal, sistemas únicos de leitura, (sic) da realidade, grandes narrativas, teorias universalistas, fundamentos definitivos de explicação, fronteiras, barreiras, longo prazo, hierarquia, instituições sólidas, poder central, claras distinções entre público e privado etc. (p. 83)

Dentro dessas muitas características do momento, aquelas que mais se aproximam da realidade dos cristãos sem igreja são, principalmente, da emancipação e dessa distinção entre público e privado, que reestabelece o local da religião. A grande questão trazida por esse processo de secularização foi, então, a diferenciação, a qual separou a religião daquilo com o que ela comumente se misturava. Foram, assim, criadas esferas específicas onde a religião iria atuar, com normas e instituídos próprios e estes não valeriam para outras esferas sociais, como o da saúde e da educação. Isso não significa, porém, que a religião foi marginalizada ou que se saturou, muito pelo contrário. Antes a religião moldava a sociedade e agora ela continua preponderante, de modo privado. A paleta de opções religiosas e não-religiosas se ampliou, todavia, não só isso, mas também o lugar do espiritual na vida social (Taylor, 2010, p.496). Assim, se mostra que a secularização não minou a fé, porém fez outras formas de se recriar a espiritualidade.

Apesar da possibilidade de se recriar a religião, as instituições eclesiais, para manter sua doutrina, em muito não se recriaram e isso levou a um decréscimo na religião na época da modernidade. O declínio da Igreja Católica se tornou mais perceptível após a Segunda Guerra Mundial e, para isso, esta tentou voltar a suas práticas ortodoxas e avivamento para trazer quem estava fora (TAYLOR, 2010). Antes dessa iniciativa romana, a religião evangélica também procurava retornar aos

fundamentos como forma de resposta a esse processo moderno. Esse, que teve início do século XX, se denominou como fundamentalismo cristão, o qual legitima tradições antigas como verdades inabaláveis desde tempos remotos da história (Lirio, 2014), a exemplo da idealização da igreja primitiva como modelo para viver o cristianismo, tendo todos aqueles que não se apoiam nesse ponto de vista como impossibilitados de ser cristão (Barr 1981 apud Lirio, 2014).

Esse posicionamento se aproxima do que é possível se analisar em *O Cristianismo Pagão* de Frank Viola (2005), ou seja, de usar a igreja primitiva como modelo primeiro – mesmo que seja um modelo de espontaneidade – e questionando todos os que não o fazem como cristãos ilegítimos. Além disso, quando analisados os depoimentos de cristãos sem igreja do Missão 20:20, é recorrente essa procura de uma doutrina pura, essencialmente bíblica, como se pode perceber nesses trechos:

(...) só estando fora desse sistema é que conseguimos entender o verdadeiro propósito de Cristo, com fundamentação bíblica somente, sem doutrina e heresia dos homens (Depoimento de Samara Barros)⁸

(...) Fomos (os irmãos que quiseram) ministrando sobre quebra de paradigma e, iniciou-se a tentativa de vivermos em comunidade como viviam os cristãos primitivos em Atos dos Apóstolos. Confesso que para mim iniciou uma luta, por morar em uma cidade onde a maioria ainda vive institucionalizada, tanto familiares, como amigos e outras instituições. (Depoimento de Lídia)⁹

Lendo o Novo Testamento entendi que a igreja é um grupo de pessoas que se reúne, em nome de Jesus, com o fim de edificar, aconselhar, admoestar, encorajar uns aos outros, não considera aquilo que possui exclusivamente seu, abre a casa para receber outros irmãos, as ofertas são para ajudar quem estiver com alguma necessidade, também para ajudar alguma viagem missionária ou seja, tem que ser família. (...) Um dia perguntei para Jesus se aquela igreja do Novo Testamento existia. Então encontrei alguns vídeos na internet e para minha grande alegria, descobri que muitos irmãos estão vivendo essa igreja. (Depoimento de Edna Klara)¹⁰

O cristianismo sem igreja de Viola é ambíguo no sentido de que recria a espiritualidade, ultrapassando os muros e proporcionando emancipação, porém o faz

⁸ Nome fictício. Leia-o completo em: SILVA, Luciano. *Missões 20:20*. Disponível em: <<http://missoes2020.org/>>. Acesso em: 30 out 2014.

⁹ Nome fictício. Leia-o completo em: SILVA, Luciano. *Missões 20:20*. Disponível em: <<http://missoes2020.org/>>. Acesso em: 30 out 2014.

¹⁰ Nome fictício. Leia-o completo em: SILVA, Luciano. *Missões 20:20*. Disponível em: <<http://missoes2020.org/>>. Acesso em: 30 out 2014.

com um modelo fixado. No exemplo de Samara, é uma liberdade, fora dos padrões, mas que se dá na busca de um ideal único, que não é substituível. A quebra de paradigmas, de Lídia, não é a destruição da tradição, mas um retorno às origens. A liberdade se dá a partir de um pressuposto que pode ser tão rígido quanto da instituição. Porém, este não pode ser entendido tão simplesmente como estabelecido ou fragmentado, sem entender a pós-modernidade, que, em tudo, absorve a dialética da forma a se conviver com tranquilidade.

Cristianismos Pós-Modernos

A pós-modernidade é um conceito amplo, complexo, de muito debate e a qual não se esgotará no presente artigo. Alguns atributos são comuns aos autores quanto se trata de contemporaneidade, como Eagleton (1996apudNicolaci-da-Costa 2004) coloca:

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. (...) vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiosincrasias e à coerência de identidades (p.7).

Essa possibilidade de instabilidade e de questionamento vão ser alguns dos pressupostos que caracterizará, em muito, o grupo dos cristãos sem igreja como detentores de costumes da cultura pós-moderna. Todavia, não são esses os únicos. Novos valores são reestabelecidos nessa época (Lipovetsky, 2005) como a personalidade, a autenticidade e proximidade. Não há mais crédito nas sanções e na autoridade e as lideranças que permanecessem nesse meio são que se colocam de pé de igualdade com os outros, apresentam sua família em sua propaganda e se resumem numa simplicidade ostentatória (Lipovetsky, 2005, p.42).O poder e a norma não se concentram mais nas mãos dos líderes. Para o autor, também é comum existir um entusiasmo generalizado, porém estéril devido à cultura do consumo, além de ter uma movimentação muito mais feita pelo *feeling* do que propriamente por características científicas e racionais.

No site oficial do grupo analisado há uma expressão que é sua doutrina de fé, que é chamada a sessão “o que creem”. Nesta já apresenta logo de início uma dessas prerrogativas:

Cremos que Jesus é o único detentor de autoridade sobre a Igreja, autoridade esta que jamais foi delegada a qualquer outro. (Sessão ‘O que creem’ do site Missão 20:20)¹¹

O caráter da espontaneidade também é comumente expresso em seus relatos. Espírito Santo como direcionador é um dos principais fatores que leva as pessoas se reunirem em casa, mais do que, propriamente, por motivos racionais. Apesar de ser comum, como citado anteriormente, a fundamentação Bíblica visando o relato da igreja primitiva, o fator do direcionamento do Espírito Santo se torna preponderante para tal decisão.

(...) percebi que o Espírito Santo está agindo de forma livre, espontânea, e preparando a noiva para apresentá-la sem mácula, ruga ou coisa alguma, mas santa e irrepreensível. (Depoimento de Jônatas da Cruz)¹²

Esse *feeling*, que Lipovetsky descreve, se trata de uma inclinação emocional – ou podemos até considerar um aspecto espiritual – normalmente causada pelo que chama o autor ‘chama de sedução’, sendo esta de qualquer instância. Dentro de uma fé cristã que está acostumada com igrejas institucionais, com regras fixas e um pastor que se coloca como hierarquia, o espaço da igreja orgânica seduz uma espiritualidade mais livre. Não é incomum nos relatos o fato do Espírito Santo guiar estar correlacionado ao fato da igreja em casa ser simples. Essa simplicidade está relacionada ao fato de ser o espaço onde se pode expressar uma fé autêntica. É necessário, todavia, entender que a autenticidade não é somente uma característica da pós-modernidade, mas um valor a ser cultivado (Sawaia, 1999). As máximas “seja você mesmo”, “autenticidade é liberdade” demonstram isso nos livros de auto-ajuda.

Outro ponto complexo da pós-modernidade é seu conceito de identidade, que se comunica com a ideia de comunidade. A identidade, no contemporâneo, se trata de uma

¹¹ Mais informações acerca do grupo em: SILVA, Luciano. *Missão 20:20: Perguntas e Respostas*. Disponível em: <<http://missoes2020.org/site/perguntas>>. Acesso em: 30 out 2014.

¹² Nome fictício. Leia-o completo em: SILVA, Luciano. *Missões 20:20*. Disponível em: <<http://missoes2020.org/>>. Acesso em: 30 out 2014.

consideração dinâmica, e múltipla, sempre em transformação, a qual tem duas principais utilidades: a proteção contra a globalização massificante e uma forma de se colocar frente à invisibilidade (Sawaia, 1999). Essas podem ser criadas por características de raça, religião ou ideologia, por exemplo (Ianne 1996 apud Sawaia, 1999). Não se trata de atributos permanentes ou fruto de tradição, mas de um conjunto de possibilidades dentro de uma necessidade. Nesse ponto, não é incomum uma busca essencialista face à indeterminação comum da pós-modernidade (Sawaia, 1999, p.21). A partir disso, se criam comunidades, que servem para proteger essas identidades, trocar subjetividade e afecções, além de ser um dos poucos espaços mantidos na contemporaneidade como passível de ter responsabilidade de mudar o mundo (Sawaia, 1999). Para uma religião, como o cristianismo, que possui o caráter proselitista, é necessário que haja o desejo de mudança dentro da comunidade, onde se unem por um motivo. Um dos motivos que ratificam essa transição é a concepção de que a religião evangélica está corrompida, devido ao sistema que oprimiria a religiosidade sincera, como o exemplo do depoimento seguinte:

Já há muito tempo que estava me sentindo incomodada dentro da denominação. Vi muito interesse político, desvio de dinheiro, interesses de pastores por pessoas de um nível mais elevado e desprezo por pessoas mais humildes, cobrança excessiva de dízimos e ofertas, condescendência com a imoralidade e leviandades. Enfim, uma série de erros. Não quero julgar as pessoas, que são falhas, como eu também sou, mas julgando o 'sistema' [...]. Daí, sentindo sede de comunhão e da Palavra revolvi ir para a Batista, onde fiquei um ano, saí de lá, vendo que não era aquilo também. (...) Saí de lá e hoje estou felicíssima frequentando a Igreja Orgânica, na simplicidade da Palavra, onde percebi existir uma grande comunhão entre os irmãos. (Depoimento de Karina de Andrade)¹³

Apesar do tema recorrente da comunhão nos relatos do Missão 20:20, há agressividade quanto àqueles que não frequentam tal comunidade. Sawaia (1999), quando aborda o tema, expressa que a agressividade defensiva se tornou demarcadora nessas formas contemporâneas de comunidade. Isso cria um olhar ambíguo de fraternidade, porém de repulsa com o que é estranho à irmandade.

(...) a Bíblia me orienta a não comungar com nada nem ninguém que pregue outro evangelho e, analisando os frutos do sistema denominacional, fica

¹³ Nome fictício. Leia-o completo em: SILVA, Luciano. *Missões 20:20*. Disponível em: <<http://missoes2020.org/>>. Acesso em: 30 out 2014.

claro que estão cada dia mais longe da verdade. Já esta transição foi bem difícil, devido ao amontoado de mentiras sobre maldições que estão imputadas na mente dos frequentadores destas denominações. Somente buscando Deus de todo o coração é possível ser liberto pela verdade. Precisei abandonar muitas 'muletas espirituais', mas hoje, junto aos meus irmãos, vivo em paz, radiante pela liberdade que Cristo proporciona." (Depoimento de Lauro Sousa)¹⁴

Assim, podemos observar que da mesma forma que a contemporaneidade é ambígua, diluída, com peculiaridades complexas e indeterminadas, de modo similar é o movimento dos cristãos sem igreja. Ao mesmo tempo em que se trata de uma visão de amplitude do conceito de comunhão, expressão de fé e sinceridade, há o caráter sólido que repulsa a diferença.

Considerações Finais

A religião evangélica passa por uma mudança estrutural e complexa, com difícil capacidade de ser capturada e compreendida. Durante esse processo, cabe aos pesquisadores se aproximar, estarem atentos aos seus discursos sobre ser cristão vindo do grupo e produzir novos conhecimentos a contribuir na pesquisa a partir disso. No caso dos cristãos sem igreja, trata-se de um grupo marginalizado dentro do meio evangélico e que, por sua vez, em muito também não tenta se aproximar destes. Assim, seus discursos são ainda muitos isolados dentro da amplitude dessa religião.

Concomitantemente, habitamos em uma sociedade contemporânea também complexa, que precisa ser intensamente estudada dentro dos estudos de religião. As ambiguidades da comunidade e da identidade, numa religião que está desvinculada de seu papel social, formam uma rede densa de significações. Alguns desses sentidos produzidos parecem opostos, mas são compostos, o que faz a nossa sociedade parecer paradoxal. O que é livre ao mesmo tempo reprime, o espontâneo segue um padrão. Da mesma forma os novos movimentos religiosos e os cristãos sem igreja.

Referências bibliográficas

BOMILCAR, Nelson. *Os sem-igreja: Buscando caminhos de esperança na experiência comunitária*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

¹⁴ Nome fictício. Leia-o completo em: SILVA, Luciano. *Missões 20:20*. Disponível em: <<http://missoes2020.org/>>. Acesso em: 30 out 2014.

COLE, Neil. *Igreja Orgânica: Plantando a fé onde a vida acontece*. São Paulo: Habacuc, 2007.

D'ARAUJO FILHO, Caio Fábio. *Blog do Caminho da Graça*. Disponível em: <<http://blogcaminho.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 out 2014.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

IBGE. *Estatísticas do CENSO 2010*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm>. Acesso em: 02 abr 2014.

IBGE. *Estatísticas do CENSO 2000*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf>. Acesso em: 10 jun 2014.

IBGE. *CENSO 2010*. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao>>. Acesso em: 02 abr 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.

LIRIO, Luciano de Carvalho. *Adolescentes Evangélicos do Século XXI*. São Leopoldo: Sinodal/est, 2013.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *A passagem interna da Modernidade para a pós-Modernidade*. Psicologia Ciência e Profissão, São Paulo, v. 1, n. 24, p.82-93, jan. 2004.

SAWAIA, BaderBurihan. *Comunidade como ética e estética de existência*. Uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Psike*, São Paulo, v. 8, n. 1, p.19-25, out. 1999.

SILVA, Luciano. *Missões 20:20*. Disponível em: <<http://missoes2020.org/>>. Acesso em: 02 abr 2014.

TAYLOR, Charles. *Uma Era Secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em Movimento: O censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VIOLA, Frank. *Frank Viola Official Blog*. Disponível em: <<http://frankviola.org/>>. Acesso em: 02 abr 2014.

VIOLA, Frank; BARNA, George. *Pagan Christianity: The Origins of Our Modern Church Practices*. Present Testimony Ministry, 2005.